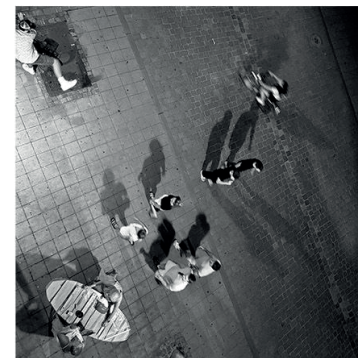




Ficha técnica

MIRA Galerias | MIRA FORUM

Direção Manuela Matos Monteiro e João Lafuente

Rua de Miraflor no 155 | 4300-334 Campanhã, Porto

929 113 432 | 929 145 191

Quarta-feira a sábado, das 15h às 19h

SITE: miragalerias.net

miragalerias@miragalerias.net

facebook.com/miraforum | @miraforum



Uma cama entre o céu e o sítio

Conceição Magalhães

12 SET - 29 OUT 2026

UMA CAMA ENTRE O CÉU E O SÍTIO

“Uma cama entre o céu e o sítio” reúne 72 trípticos realizados durante uma viagem de bicicleta de 72 dias, 4.334 km, entre o Oceano Atlântico e o Mar Negro.

A inquietude de poder não encontrar uma cama onde dormir fez-me lembrar que, para milhões de pessoas, não ter uma cama é uma realidade permanente. Falta-lhes o espaço mais íntimo onde o corpo repousa, onde o tempo se suspende, onde o sonho acontece.

Aqui, as camas são marcadas pela passagem de um corpo. Lençóis, roupa, objetos dispersos são sinais de uma presença ausente. São vestígios de uma existência. A cama deixa de ser um objeto neutro para se tornar uma medida da dignidade humana. O céu, ilimitado, onde pelas nuvens ou na sua ausência se adivinha o tempo, parece ser um espaço comum a todos mas acentua profundas desigualdades. Essa abóbada azul que oferece luz, orientação e esperança, é também o espaço por onde chegam os drones, os mísseis ou os fenómenos climáticos extremos.

O “sítio” é um lugar concreto, situado, carregado de circunstâncias. Cada lugar tem uma história, uma geografia, uma realidade social e política. Entre o céu e o sítio desenrola-se a vida.

As camas permanecem. O corpo desaparece para que qualquer outro corpo possa ocupar o seu lugar. Cada imagem deixa de falar de uma experiência individual para convocar todas as vidas que procuram, entre o céu e um sítio, um lugar onde seja possível sonhar.

Conceição Magalhães

A banda sonora é da autoria de Pedro Tudela

NOTA BIOGRÁFICA

Conceição Magalhães é arquiteta e foi docente de Projeto e Tecnologias na Escola Artística de Soares dos Reis, no Porto.

Tem apresentado os seus trabalhos de fotografia em diversas exposições coletivas e realiza exposições individuais destacando-se as mais recentes “God saved the cows” e “Espelho Meu”, integradas no Mês da Imagem do Porto (MIP-OFF); “Caminhando”, no Espaço Miguel Torga em São Martinho de Anta; “O Signo e a Paisagem”, na Bienal de Fotografia de Lamego e Vale do Varosa e, “A Questão do Vazio”, nas MIRA Galerias | MIRA FORUM

Tem trabalhos publicados nos cadernos da RIBACVDANA

É coautora com Augusto Lemos do livro “N2 - O Signo e a Paisagem”.

UMA ELIPSE GEOGRÁFICA DA MEMÓRIA

O conjunto de imagens suspensas, constituindo uma elipse na sala de exposição, onde em cada painel se sucedem três fotografias obedecendo ao título, pois apresentam um céu, uma cama e o sítio onde se dorme, é consequência, mas não o motivo, de uma viagem de bicicleta que a Conceição e o Augusto efetuaram no ano passado, entre o litoral atlântico e as margens do Mar Negro.

Durante esta longa, planeada e esforçada travessia, de 14 de maio a 2 de agosto, ou conhecimento ou reconhecimento de muitos lugares, havia necessariamente paragens, mas a urgência de sempre era atingir a horas convenientes, o local da dormida e descanso para o esforço do dia seguinte. Foi esta preocupação e a normal associação à ansiedade de quem não tem abrigo, que definiu o projeto da autora, o intervalo indispensável da viagem, a dormida, de que tentou criar-lhe um contexto mais apaziguante. Há quem leve consigo um retrato familiar, um objeto de afeto, um livro, para dar um breve tom de lar ao quarto onde se dorme, em viagem. Conceição Magalhães, antes ou depois, à chegada e/ou à partida, empresta-lhe um contexto de emotividade, fotografando o céu que cobre aquele espaço, a cama que significa a intimidade, (e, no caso, também serve de mesa, organização ou desorganização), aquele espaço próximo que resume a informação e o sentimento de uma casa, de um poiso, de um lar.

Há, naturalmente, um olhar fotográfico e a sua inevitável aprendizagem a contornar o imaginativo e a emotividade nestas imagens. Nós mesmo, como observadores de fotografia, vendo esta variedade de céus, notamos a relevância

que temáticas como a Equivalent do americano Stieglitz, em tempo de destruir os princípios do Pictorialismo. Mas o objetivo é outro, o céu que especificamente naquele dia e naquele lugar o identifica na memória. De resto, as três imagens obtidas funcionam como flashes, o processo que a memória, definitivamente emotiva, nos apresenta como informação sentimental, desgarrada do tempo e do lugar, informando mais pelos signos, necessariamente pouco concretos. O tema da cama evoca ainda, muitas das imagens a preto e branco de Hervé Guibert, no sentido do enquadramento do seu vazio. A história da fotografia faz parte do nosso modo de olhar e, embora estas imagens sejam decididamente outras, os algoritmos da aprendizagem introduzem-se no nosso processo de ver. Eu vejo, naquela perspetiva de Ingolstadt, (Alemanha), o olhar modernista e em Linz, (Áustria), o do fotográfico pós-moderno. Há um certo realismo crítico à apropriação de uma antropologia turística na imagem de Udvar ou em Dunafoldvár (ambas na Hungria). Por vezes, confiando no instante decisivo, um apontamento à Bresson, a partir de uma janela da habitação de cave, em Belgrado, (Sérvia).

Enquadramentos e momentos que evocamos e que um fotógrafo também evoca, dentro deste vício e inevitabilidade nossa, a de compreender, comparando.

Podem não ser os da fotógrafa que, sendo formada em arquitetura, tem um olhar que engloba as partes de um todo dialogante. Estes momentos são seus, há neles sempre a sua assinatura poética, um impulso emotivo dentro de um quadro racional.

Maria do Carmo Serén